

EDITORIAL

Após a retomada da Revista Brasileira de Geografia (RBG) em 2016, é com prazer que estamos divulgando o volume 61, n.2, contendo três Artigos de Pesquisa e uma Nota Técnica.

Os artigos dessa edição compartilham um certo espectro temático, abrangendo desde estudos e técnicas de mapeamento voltadas à descrição e/ou delimitação de espaços contíguos, como as zonas naturais, até aqueles que analisam os padrões de interações estabelecidos entre pontos descontínuos do espaço geográficos medidos através dos fluxos de bens e serviços entre as cidades brasileiras. Outro elemento comum entre alguns dos artigos é o ponto de vista relacional, isto é, pautado na integração entre campos distintos do conhecimento.

Os dois artigos iniciais compartilham conceitos e métodos que gravitam em torno de um objeto muitas vezes confundido com a própria geografia enquanto “ciência das paisagens”. Ao mesmo tempo, eles utilizam trajetórias pessoais de cientistas e artistas que, por diferentes vias, tentaram decifrar o enigma da dinâmica e evolução das paisagens.

Valendo-se da integração entre diferentes perspectivas físico-geográficas, o artigo “Geossistemas e Geografia no Brasil”, de Lucas Costa de Souza Cavalcanti e Antônio Carlos de Barros Corrêa, da Universidade Federal de Pernambuco, analisa aspectos conceituais e terminológicos da teoria dos geossistemas, visando uma compreensão mais acurada de seu significado e aplicação. O artigo se propõe a esclarecer, à luz das formulações de Sochava (1905-1978) e de Bertrand (1932-), aspectos divergentes da teoria dos geossistemas. As diversas interpretações sobre os geossistemas são avaliadas tendo por critério a biografia dos autores que as construíram através de referências e ferramentas interpretativas disponíveis, assim como seus pressupostos.

A relação entre descrição pictórica e ciência geomorfológica constitui o objeto do artigo de Antônio Carlos Vitte e Maira Kahl Ferraz, da Universidade Estadual de Campinas. Intitulado “A Pintura de Paisagem e a Formação da Ciência Geomorfológica nos Estados Unidos no século XIX”. Os autores destacam as inúmeras contingências e atores que possibilitaram, nesse período, uma “interlocução criadora” entre os pintores de paisagens e os avanços ocorridos no conhecimento científico da geologia e da geomorfologia, no contexto de expansão territorial, da busca por recursos naturais e construção da identidade nacional.

Ainda no campo dos estudos e também das técnicas voltadas ao mapeamento, descrição e dinâmica da superfície terrestre, essa edição da RBG apresenta uma Nota Técnica, de autoria de Clovis Gaboardi e Dieter Luebeck, cujo título – “Precisão Altimétrica de Modelo Digital do Terreno sob a Vegetação obtido por Interferometria de Radar de Abertura Sintética de Banda P” – revela os avanços tecnológicos em apoio às análises geoambientais. Com efeito, a obtenção tanto da

altimetria do relevo, independentemente da existência da cobertura vegetal, como da altura da vegetação, possibilitada pela tecnologia InSAR, faz dessa última um poderoso instrumento, notadamente em ambientes como o da Amazônia, para a determinação de áreas alagadas sob a vegetação e e/ou para a estimativa da biomassa.

Finalmente, o artigo “Redes de Sedes e Filiais de Empresas no Brasil”, de autoria de Marcelo Paiva da Motta e Ronaldo Cerqueira Carvalho, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, aborda uma das dimensões mais caras à ciência geográfica contemporânea – os fluxos de comando e controle dos centros urbanos. Nesse artigo, os fluxos são analisados através das interações estabelecidas entre firmas multilocalizadas no território brasileiro, à luz da teoria dos Fluxos Centrais de Peter Taylor. Ao mapear as ligações entre sedes e filiais de empresas agregadas por estado, os autores ressaltam, entre outros resultados, a maciça concentração de ligações no Centro-Sul, particularmente em São Paulo, mostrando que o posicionamento entre elas não é fundamentalmente diferente da distribuição geral das atividades econômicas no país. Ao mesmo tempo, o padrão caótico das ligações secundárias indica uma economia doméstica ganhando complexidade suficiente para escapar da forma hierárquica estabelecida.

Esse número da RBG se identifica com a própria produção das ciências geográficas na medida em que estas se renovam continuamente, não só em busca da relação, da integração e da síntese entre campos disciplinares distintos, mas também em busca de novas abordagens e temas que acompanham as mudanças do mundo contemporâneo.

Adma Hamam de Figueiredo

Editora-Chefe